

As práticas educacionais do presente: o apagamento da diversidade a partir de uma perspectiva ecolinguística do discurso

Present-day educational practices and their putting-aside: an ecolinguistic perspective of discourse

*Lorena de Araújo Oliveira Borges**

**Universidade de Brasília/NELIM*

Resumo: Após apresentar os conceitos básicos da Ecolinguística e da Análise de Discurso Ecológica, juntamente com uma de suas fontes, a Ecologia Profunda, este artigo tem por objetivo mostrar que há um apagamento da diversidade dos métodos de ensino a partir dos enunciados colocados em circulação pela matéria da revista *SuperInteressante*. Mostra ainda que há uma necessidade de se vincular as instituições do futuro às instituições tradicionais. O autor da matéria tenta estabelecer as semelhanças entre elas, promovendo um apagamento exatamente daquilo que garante que esse ecossistema se desenvolva plenamente, ou seja, a diversidade de ideias propostas por essas instituições. A possibilidade diversidade de métodos é o que permitiria repensar o sistema educacional com mais facilidade.

Palavras-chave: Ecolinguística. Análise do discurso ecológica. Escolas tradicionais. Escolas do futuro.

Abstract: After presenting the basic concepts of Ecolinguistics and Ecological Discourse Analysis as well as of one of the latter's sources – Deep Ecology – this article aims at showing that there is a kind putting-aside of the diversity of teaching methods extant in a article of the magazine *SuperInteressante*. The article also shows that there is a need to establish links between the old and the new methods. The author of the article tries to downgrade the interesting ideas present in diversity of proposals. The diversity of methods seems to be promising.

Keywords Ecolinguistics. Ecological discourse analysis. Traditional schools. new schools.

Introdução

A ecolinguística é uma disciplina recente que se propõe estudar os ecossistemas linguísticos (COUTO, 2007), ou seja, as relações entre língua, meio ambiente natural, mental, social e espaço. O emprego do prefixo *eco-* pode causar um equívoco que deve ser minimamente tangenciado para a melhor compreensão dessa disciplina. Ao se falar em *eco*, imediatamente se estabelece um vínculo entre *meio ambiente* e *natureza*, o que não é, de fato, a intenção da ecolinguística. Para essa perspectiva, a língua deve ser encarada a partir de um ponto de vista holístico e, exatamente por isso, não podemos falar apenas em meio ambiente da língua, mas, para muito além disso, em meios ambientes, já que o ecossistema fundamental da língua (EFL) pode ser dividido em meio ambiente natural, meio ambiente social e meio ambiente mental.

O **meio ambiente natural** da língua é formado pela relação estabelecida entre a população (P) que fala determinada língua e o território (T) que ela ocupa. O **meio ambiente social**, amplamente estudado por disciplinas como a sociolinguística e pela maior parte dos ecolinguistas da atualidade, é o todo formado por língua e sociedade (COUTO, 2009). E o **meio ambiente mental** é constituído por mente e cérebro (COUTO, 2012), *locus* onde a língua, enquanto sistema (na perspectiva saussuriana), é armazenada e processada.

Uma vez que a ecolinguística pretende estudar a língua não apenas como um sistema ou função ou manifestação do social, mas principalmente pelas relações que ela estabelece com o(s) meio(s) ambiente(s) que a constituem, é possível compreender o porquê desse caráter holístico.

[...] a ecolinguística se enquadra no espírito da ciência moderna, de acordo com o qual o mundo não está composto de objetos separados uns dos outros, de modo estanque. Tudo faz parte de uma gigantesca teia de relações. Para ela, o importante é integrar, não fragmentar; ligar, não separar (COUTO, 2007, p. 46).

Assim, ao ancorarmos na ecolinguística como base teórica, não significa, necessariamente, que abordaremos apenas o meio ambiente natural da língua ou a natureza por trás dos elementos linguísticos. Ao contrário, essa perspectiva abre a possibilidade de ver a língua em funcionamento em qualquer uma de suas manifestações, sejam os aspectos endoecológicos e exoecológicos. É exatamente por esse fator que ela pode ser considerada uma nova maneira de encarar os enunciados que são postos em circulação em determinada comunidade. Se todos os discursos são manifestações de um determinado ecossistema,

então podem ser considerados um campo fértil para a aplicação das propostas da ecolinguística.

Nesse sentido, o principal objetivo desse artigo é entender de que forma os enunciados constituídos pela mídia sobre as instituições de ensino que não seguem o padrão tradicional, ou seja, abdicam de uma estrutura física e temporal pré-estabelecida, são responsáveis por aniquilar a diversidade das metodologias de ensino de nossa sociedade. Para tanto, vamos analisar a reportagem “Escolas do Futuro”, publicada na revista *SuperInteressante*, em fevereiro de 2013, à luz dos conceitos apresentados pela ecologia profunda e pela análise do discurso ecológica (ADE).

1 Noções de Ecologia Profunda

A ecolinguística pode ser inserida dentro do paradigma da ecologia profunda, noção proposta pelo filósofo Arne Naess (1973), que aponta que todas as formas de vida possuem valor em si mesmas e, dessa maneira, devem ser respeitadas, independentemente do valor que possam ter para o homem. Para essa perspectiva, a sobrevivência de todos os seres – e não apenas dos humanos – deve ser colocada em primeiro plano. Assim, uma das ideias centrais defendida pela ecologia profunda é a valorização da diversidade, uma vez que ela permite a sobrevivência de todo o ecossistema.

Diversity enhances the potentialities of survival, the chances of new modes of life, the richness of forms. And the so-called struggle of life, and survival of the fittest, should be interpreted in the sense of ability to coexist and cooperate in complex relationships, rather than ability to kill, exploit, and suppress (NAESS, 1973, p. 96)¹.

Nesse sentido, a diversidade, o diferente, é o que possibilita que o sistema encontre o equilíbrio e se estabeleça. E a tentativa de reduzir essa complexidade pode levar à autodestruição do ecossistema considerado.

De que maneira essa noção se aplica aos estudos linguísticos? Toda vez que abordamos as relações estabelecidas entre línguas, estamos falando em diversidade. Tanto

¹ “A diversidade aumenta as potencialidades de sobrevivência, as chances de novos modos de vida, a riqueza de formas. E a assim chamada luta pela vida e sobrevivência do mais apto, deve ser entendida no sentido de habilidade de coexistir e cooperar em relações complexas, ao invés de habilidade de matar, explorar e suprimir”. (Tradução nossa).

os processos de extinção de línguas, quanto os de crioulização ou pidginização, entre outros, podem ser estudados a partir dessa perspectiva. Mas não apenas isso. Uma vez que a preocupação essencial da ecolinguística é com o aspecto das interações, sejam elas entre duas línguas individuais, entre falante e grupos de falantes, ou entre línguas e mundos (FILL, 1993 apud COUTO, 2007), todo e qualquer enunciado colocado em circulação pode ser analisado a partir da noção de diversidade – ou de aniquilamento da mesma.

2 Análise do Discurso Ecológica

A ecolinguística também propõe uma abordagem ao discurso que foge ao que comumente é estudado pelas vertentes francesa e anglo-saxã da análise do discurso. Para a ecolinguística, abordar apenas o socioideológico – as condições de produção do discurso – contemplaria, majoritariamente, o aspecto social e, minimamente, o mental e o natural. Assim, propõe-se outra possibilidade de análise dos enunciados: a análise do discurso ecológica (ADE).

Segundo Couto (2013), para realizarmos uma análise que nos permita entender de que maneira o discurso coloca (ou não) em risco as inter-relações entre indivíduos e meio(s) ambiente(s), é necessário que deixemos de lado qualquer tipo de ideologia que não parta de uma noção ecológica. Isso não significa negar a existência de ideologias oficiais relativamente estáveis, ou seja, os sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, religião, moral, direito, educação, etc., mas focar numa ideologia ecológica ou ideologia da vida. “O que a ADE propõe é diferente, ela não faz apenas análise de discurso ecológico, antiecológico ou pseudo-ecológico. Pelo contrário, ela faz análise ecológica de discurso” (COUTO, 2014, p. 31-32).

Essa noção de ideologia traz em sua constituição um caráter de dinamicidade, submetendo-se ao eterno fluxo que constitui as inter-relações estabelecidas entre os seres. É impossível definir vida sem se portar como tradutor (SANTOS, 2004), uma vez que apenas na vivência cotidiana é possível apreender o que vida significa para uma determinada comunidade ou para um grupo de seres. Tal conceito indica

O procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos

diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que se não esgotam nessas totalidades ou partes (SANTOS, 2004, p. 802).

Ancorados nessa perspectiva, torna-se necessário apontar alguns conceitos que nortearão a análise a ser desenvolvida nesse artigo, a saber, o que entendemos por língua e discurso. Para a ecolinguística, a língua não deve ser encarada apenas como sistema – apesar de não excluí-lo, como apontado anteriormente – a língua não é uma coisa, ela é interação, ou “motraive”, como diz Couto (2013), ou seja, modo tradicional de os membros da comunidade interagirem verbalmente num território.

Assim, quando um discurso colocado em circulação tem o objetivo de invisibilizar ou apagar a existência da diversidade dos métodos educacionais, ele está indo contra os princípios da ideologia da vida, ou seja, contra o que é postulado pela ecologia profunda. Posto isso, devemos deixar claro que o que interessa aqui não é fazer uma análise do discurso que tenha por objetivo apontar a presença de uma ideologia política ou institucional dominante. Antes disso, nosso intuito é esclarecer de que forma o discurso posto em circulação atende (ou não) aos princípios básicos propostos pela ecologia profunda.

3 As escolas que não estão no presente

O texto a ser analisado foi publicado em fevereiro de 2013, na revista *SuperInteressante*. O intuito da matéria era o de apresentar brevemente algumas metodologias de ensino aplicadas ao redor do mundo que não estão de acordo com o padrão estabelecido pelas escolas tradicionais. Ou seja, traz à tona a diversidade que está na base da existência de qualquer ecossistema. Ao longo do texto, o sujeito-autor apresenta informações que considera relevantes sobre cada uma das instituições, explicando brevemente como cada uma delas funciona.

A partir das noções apresentadas anteriormente, é possível dar um passo importante na compreensão de como essa diversidade é invisibilizada pelo texto em questão. Focamos em algumas partes do texto (Anexo 1) com o objetivo de garantir a dinamicidade da análise. Deixamos o título e o subtítulo da matéria para o final desse percurso, uma vez que é nesses locais que podem ser observados, com mais clareza, os recursos utilizados para invisibilizar as metodologias de ensino apresentadas durante a matéria.

- (1) O Minddrive, na verdade, é um reforço escolar para adolescentes que não vão bem no ensino regular. Mas seu método educativo não é tão exótico assim. Ele é todo baseado nos jogos epistêmicos, uma espécie de RPG (*role playing games*), no qual os alunos simulam situações cotidianas e pensam em soluções para os problemas que vão surgindo.

A primeira instituição apresentada é a Minddrive, uma Organização Não-Governamental estadunidense, que ensina os jovens no contraturno da escola. Ao dizer que esse método educativo “não é tão exótico assim” (1), o autor se utiliza do operador argumentativo “tão”, que estabelece uma relação de comparação, nesse caso, com o método aplicado pelas instituições de ensino tradicionais.

A escolha da palavra exótica, nesse contexto, deve ser destacada, uma vez que ela significa, dentre outras coisas, aquilo que é esquisito, excêntrico ou extravagante. Ela deixa antever o modo como o sujeito-autor encara as instituições que não seguem o padrão estabelecido pelos métodos tradicionais. Além disso, ao dizer que elas não são *tão* excêntricas, o autor recorre às semelhanças entre o método que elas aplicam e o que a pedagogia tradicional estabelece como correto com o intuito de fazer com que elas sejam mais facilmente aceitas pelo leitor. Esse mesmo recurso é utilizado durante toda a construção do texto.

Vejamos:

- (2) De acordo com o método de ensino, isso humaniza o conhecimento e, conseqüentemente, ajuda a memorizar os fatos. O discurso pode parecer meio *hippie*, mas Hardy garante que funciona. Mesmo porque um dos objetivos da Green School é que seus alunos saiam de lá prontos para abrir seus próprios negócios – sustentáveis, de preferência.

A segunda escola apresentada é a Green School, que defende uma maneira de ensinar fundamentada na atenção aos aspectos racionais, emocionais, físicos e espirituais, tudo de acordo com os princípios básicos da ecologia. Durante a apresentação dessa escola, o autor modaliza o texto, mais uma vez, de forma a estabelecer as semelhanças desse método com aquele que é desenvolvido pelas escolas tradicionais. É possível perceber isso através do enunciado “pode parecer meio *hippie*” (2), que encaminha o leitor para uma conclusão não apresentada no texto: “pode parecer, mas não é”.

Para completar, na conclusão do parágrafo podemos encontrar o operador argumentativo “até porque”, que tem o objetivo de inserir o argumento mais forte da escala argumentativa sobre porque essa seria uma escola do futuro. Assim, o fato de a instituição

em questão preparar os seus alunos para o mercado de trabalho, principal objetivo das escolas tradicionais, possui um papel muito importante para a perspectiva do autor.

- (3) A lousa continua por lá, mas sem uso: não há aulas expositivas nesses espaços – apenas as de inglês, português e matemática acontecem por perto do quadro-negro, em salas menores.

A primeira instituição brasileira apresentada é a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, de São Paulo. Trata-se de uma instituição que conclama uma nova forma de lidar com espaço-tempo dentro da instituição escolar, abolindo as tradicionais salas de aula e as disciplinas. Após elencar todas as características que a transformariam numa escola do futuro, o autor esclarece que ela ainda possui algumas características semelhantes às escolas tradicionais, como a presença do quadro negro e as aulas expositivas (3).

Para construir esses enunciados, se utiliza dos operadores argumentativos “mas” e “apenas”. O primeiro contrapõe o argumento imediatamente anterior, ou seja, mesmo que o quadro negro ainda esteja por lá, ele não é mais utilizado. Então por que há a necessidade de marcar a presença da lousa nesse espaço? No caso do segundo operador, “apenas”, ele tem o intuito de orientar o argumento para a negação da totalidade: ainda há aulas expositivas nessa escola, mesmo que sejam poucas.

- (4) Algumas escolas dos EUA (e do Brasil também!) utilizam os vídeos da Khan na sala de aula – o que aponta para uma sutil e gradual tendência de, aos poucos substituir as tradicionais aulas com lousa e giz.

A matéria aborda a Khan Academy de forma muito superficial, apresentando apenas a origem dessa instituição. Trata-se de uma “escola” virtual que produz vídeos explicativos que permitem a qualquer pessoa aprender sobre o assunto desejado – desde que o conteúdo já esteja disponível no Youtube. Para fortalecer o argumento de que ela deve ser considerada uma escola do futuro, o autor aponta que escolas dos EUA e do Brasil já utilizam os vídeos nas salas de aula (4). Mas a conclusão aponta para o fato de que os métodos – o das escolas do futuro e o das escolas tradicionais – estão em batalha e apenas um deles deve prevalecer. Assim, as aulas virtuais estariam substituindo de forma “sutil e gradativa” as aulas tradicionais, uma vez que elas não podem conviver, de acordo com a perspectiva do autor do texto.

- (5) Parece o paraíso na terra, mas nem todos se adaptam ao modelo. Há aqueles que desistem, e acabam voltando ao sistema tradicional. Mas a

metodologia da Escola da Ponte convenceu o governo português, que valida seu diploma como o de qualquer outra escola.

Outra instituição apresentada pela matéria é a Escola da Ponte, de Portugal, que possui uma proposta semelhante à da Amorim Lima. Assim, apesar de ser uma escola do futuro, um verdadeiro paraíso na terra, como aponta o autor (5), há aqueles que não estão preparados para ela. Para construir esse argumento, o autor se utiliza do operador argumentativo “mas”, que contrapõe o argumento anteriormente dado. Trata-se de um atravessamento de um discurso bíblico que apontaria para uma característica altamente seletiva dessa instituição, uma vez que apenas os escolhidos poderiam adentrar ao paraíso divino. E os que não são escolhidos, a maioria, devem se contentar com o inferno – as escolas tradicionais?

(6) Escolas do futuro

(7) “O que você fez hoje na escola, meu filho?” “Transformei um carro normal num modelo supereconômico, papai”. Esqueça as provas, a feira de ciências e a tabuada. Se a maior parte das escolas de hoje **ainda** é igualzinha à dos nossos pais, as do futuro serão muito diferentes. E algumas delas **já** estão funcionando.

Para finalizar essa análise, é importante voltarmos ao título (6) e ao subtítulo (7) da matéria, uma vez que todo o processo de invisibilização dessas práticas educacionais pode ser vislumbrado nesses dois enunciados. O título “Escolas do futuro” aponta para o fato de que essas instituições não estão no presente, mas encontram-se num eterno devir. Ao escolher esse título, o autor invisibiliza o fato de que as instituições do futuro são coetâneas às tradicionais. Joga para o futuro a possível efetivação das mesmas e, ao fazer isso, nega essas experiências, constantemente desautorizadas pelo texto e, até mesmo, desterritorializadas, uma vez que não podem se ancorar no presente e vivem numa eterna deriva.

Quanto ao subtítulo (2) da matéria, ele traz uma apresentação/explicação do que será encontrado ao longo do texto, ou seja, escolas que possuem métodos de ensino que permitem respostas inesperadas para a costumeira pergunta “o que você fez hoje na escola?”. Aqui podemos constatar a presença de dois operadores argumentativos importantes, a saber, o “ainda” e o “já”. Eles orientam para a noção de um enunciado pressuposto. No primeiro caso, o de que as escolas da atualidade são iguais às do passado, ou seja, às de “nossos pais”. Assim, uma vez que as escolas de hoje são iguais às do passado, a matéria em questão não poderia estar falando delas, o que fica claro a partir da

continuação do subtítulo: “as do futuro serão muito diferentes”. No segundo caso, deixa claro que, apesar de serem escolas do futuro, algumas delas já podem ser encontradas.

Considerações finais

A partir da análise apresentada, é possível constatar de que maneira se dá o apagamento da diversidade dos métodos de ensino a partir dos enunciados colocados em circulação pela matéria da revista *SuperInteressante*. Há, como apresentado, uma necessidade de estabelecer um vínculo entre as instituições do futuro e as instituições tradicionais, seja ao constatar que elas não são tão exóticas ou *hippies* assim ou ao destacar os elementos que as assemelham às instituições de ensino tradicionais, como a formação para o mercado de trabalho ou o uso – mesmo que minimamente – de técnicas iguais.

É nessa tentativa de aproximação entre os métodos desenvolvidos pelas instituições de ensino do futuro e as do passado que se estabelece o aniquilamento da diversidade durante o texto. O autor tenta estabelecer as semelhanças, promovendo um apagamento exatamente daquilo que garante que esse ecossistema se desenvolva plenamente, ou seja, a diversidade de ideias propostas por essas instituições. A possibilidade de métodos é o que permitiria repensar o sistema educacional com mais facilidade.

Assim, de acordo com o que o texto apresenta, apenas na medida em que as escolas do futuro se assemelham às escolas do passado elas podem ser validadas e ter sua existência garantida. O apagamento da diversidade garante, também, o apagamento da escola. Afinal, quais seriam as escolas do presente? A matéria em questão não nos deixa nenhuma opção, pois joga para o passado o método tradicional e para o futuro as iniciativas das instituições apresentadas. Para o presente resta o limbo, o local do eterno devir, que vive para ser anunciado mas que nunca chega.

Considerações finais

A partir da análise apresentada, é possível constatar de que maneira se dá o apagamento da diversidade dos métodos de ensino a partir dos enunciados colocados em circulação pela matéria da revista *SuperInteressante*. Há, como apresentado, uma necessidade de estabelecer um vínculo entre as instituições do futuro e as instituições tradicionais, seja ao constatar que elas não são tão exóticas ou *hippies* assim ou ao destacar

os elementos que as assemelham às instituições de ensino tradicionais, como a formação para o mercado de trabalho ou o uso – mesmo que minimamente – de técnicas iguais.

É nessa tentativa de aproximação entre os métodos desenvolvidos pelas instituições de ensino do futuro e as do passado que se estabelece o aniquilamento da diversidade durante o texto. O autor tenta estabelecer as semelhanças, promovendo um apagamento exatamente daquilo que garante que esse ecossistema se desenvolva plenamente, ou seja, a diversidade de ideias propostas por essas instituições. A possibilidade de métodos é o que permitiria repensar o sistema educacional com mais facilidade.

Assim, de acordo com o que o texto apresenta, apenas na medida em que as escolas do futuro se assemelham às escolas do passado elas podem ser validadas e ter sua existência garantida. O apagamento da diversidade garante, também, o apagamento da escola. Afinal, quais seriam as escolas do presente? A matéria em questão não nos deixa nenhuma opção, pois joga para o passado o método tradicional e para o futuro as iniciativas das instituições apresentadas. Para o presente resta o limbo, o local do eterno devir, que vive para ser anunciado mas que nunca chega.

Referências

COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, H. H. *Ecolinguística. Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 125-149, 2009.

COUTO, H. H. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas (SP): Pontes, 2012.

COUTO, H. H. *Análise do discurso ecológica*. 2013. Disponível em: <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

COUTO, H. H. *A língua não é uma coisa, é motraive*. 2013. Disponível em: <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/07/a-lingua-nao-e-uma-coisa-e-motraive.html>>. Acesso em: 25 out. 2014.

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. *Inquiry*, v. 16, n. 1, p. 95-100, 1973.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In:

SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

LORENA ARAÚJO DE OLIVEIRA BORGES

Atua como professora formadora no Curso EaD África Arte-Educação: Construção de objetos pedagógicos. Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa NELIM- Núcleo de Ecolinguística e Imaginário, cadastrado no CNPq. E-mail: lorenaoborges@gmail.com.